



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

OS DESLOCAMENTOS DA PERSONAGEM EULÁLIA: DO SILÊNCIO E DA SUBSERVÊNCIA PARA O CENTRO DA CENA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Fernanda Karyne de Oliveira

analiteraturasouza@yahoo.com.br¹; fernandakoliveira@gmail.com².

Universidade Estadual da Paraíba

Uepb.edu.br

RESUMO

No presente trabalho realizamos uma leitura do conto “No tempo em que Dona Eulália foi feliz”, da escritora Maria Valéria Rezende, publicado no livro *Vasto Mundo* (2001). Este artigo tem o objetivo de analisar com base nas ideias de Stuart Hall (2014) sobre identidade cultural e no conceito de deslocamento de gênero de Butler (2003) como se dá a mobilidade da protagonista na construção da identidade em oposição à postura patriarcal do marido que a humilha, silencia e ignora. A metodologia de estudo consistiu na leitura analítica do conto selecionado. Foi possível perceber que no texto estudado há uma tematização do deslocamento vivenciado pela personagem Eulália que sai, ainda que momentaneamente, da condição de dependência do marido para a de independente/ Dona Eulália. Por meio do deslocamento acentua-se na narrativa a capacidade, a força e a inteligência da personagem, características estas sufocadas pela dominação patriarcal, que a silencia e imobiliza. O deslocar-se psicológico e social da protagonista se tornam evidentes ao longo da narrativa, considerados, por nós, como resistência ao lugar fixo e aos dizeres autoritários do patriarcalismo em busca do movimento criativo e participativo, fundamentais na constituição identitária da personagem.

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende. Espaço feminino. Identidade. Deslocamento.

ABSTRACT

In this work we have undertaken a reading of Maria Valéria Rezende's short story “No Tempo em que Dona Eulália foi feliz” (“The time when Dona Eulália was happy”), published in the book *Vasto Mundo* (2001). Based on Stuart Hall's (2014) ideas about cultural identity, and Butler's (2003) concept of shift in gender, the objective of this article is to analyze the mobility of the protagonist in the construction of identity, in opposition to the posture of the husband who humiliates, silences and ignores her. Through the years gender studies have shown significant changes in the life of woman. The methodology of the study consists of an analytical reading of the story selected by us. It was possible to perceive that in the text under study, the underlying theme is the shift experienced by the character Eulália, who emerges, though only momentarily, from the condition of dependence on her husband to that of independence/ Dona Eulália. Through this shift, the capacity, strength and intelligence of the character are emphasized in the narrative, these characteristics having been suffocated by patriarchal domination, which silences and immobilizes women. The psychological and social shifts in the protagonist become evident in the course of the narrative, being considered by us, as resistance to the fixed position and the authoritative statements of patriarchy, in search of a creative and participative role, fundamental to the constitution of the character's identity.

Key words: Maria Valéria Rezende. Feminine space. Identity. Shift.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

Maria Valéria Rezende escreveu até o momento mais de dez títulos que contemplam vários gêneros (contos, romances, crônicas, poemas). A autora vem conseguindo espaço no meio literário nacional, aspecto revelado pelos prêmios que vem recebendo além do número crescente de novas edições de suas publicações no Brasil e na Europa. Apresenta-se, portanto, como uma das vozes femininas ativas e representativas da literatura nacional, embora não tenha ainda recebido por parte da crítica literária a visibilidade merecida. Poucos são os estudos que apresentam uma abordagem verticalizada da sua produção, e, dentre os vários gêneros, o conto ainda é um campo a ser mais profundamente explorado.

É em decorrência desta escassez de estudos sobre a escritora e a sua obra que justificamos a importância deste estudo sobre a contística de Maria Valéria Rezende. Neste artigo, que faz parte de um estudo mais amplo que estamos desenvolvendo com a narrativa da autora, pretendemos discutir a representação do feminino no conto *No tempo em que Dona Eulália foi feliz*, chamando a atenção também para a imprescindível qualidade estética dos seus textos. Frente às novas demandas sociais, a literatura feita pela escritora convida à reflexão sobre a existência simples e, ao mesmo tempo, densa e humana dos menos favorecidos.

Partimos do pressuposto de que a produção literária de autoria feminina foi, ao longo de séculos, parcialmente silenciada pela tradição cultural patriarcal, o que justifica nossa proposta de apresentar um trabalho que se alie com os movimentos de recuperação e reconhecimento da produção de escritoras no contexto nacional, vinculados aos estudos sobre gênero e literatura.

Elegemos, nesse sentido, o gênero como nossa principal fundamentação teórica, recorrendo às contribuições de estudiosos da área Butler (2003), Perrot (2013), Duarte (2008, 2012), Gens (2003), Del Priore (2010), Telles (2010), dentre outros. Com base nas contribuições destes teóricos, analisamos como se dá a representação da mobilidade do sujeito feminino e a construção de novas identidades ao longo do conto. Esta última baseada nas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ideias de Stuart Hall (1999) presentes na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2014).

METODOLOGIA

Nossa metodologia de pesquisa consiste na leitura analítica do conto selecionado na busca por evidenciar não apenas as características da protagonista construída por Maria Valéria Rezende, mas, principalmente, analisar o deslocamento psicológico e físico da personagem na narrativa a fim de compreendermos a relação da mobilidade feminina com a condição social da mulher na sociedade patriarcal.

A análise tem como referência os estudos de narratologia, isto é, estudo das estruturas e dos elementos característicos do texto narrativo, considerando, todavia, que o texto literário envolve vários fatores além de seus elementos estruturais, dentre estes o contexto de sua produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. As contribuições das discussões de gênero no estudo do deslocamento da personagem no texto literário

Os estudos de gênero têm demonstrado, ao longo dos anos, mudanças significativas na vida da mulher. Durante muito tempo, o espaço da mulher restringia-se ao de dona de casa e mãe, considerada a “rainha do lar”, entretanto, graças, principalmente, ao acesso à leitura e à escrita, a mulher passou a ocupar lugares, que até então, eram dominados apenas pela figura masculina, como o magistério, por exemplo. Desde então, a mulher vem lutando para ser autora de sua própria história, vivenciando deslocamentos em uma sociedade marcada pela dominação patriarcalista:

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua enorme maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e escrever (então reservado ao sexo masculino). [...] E foram aquelas primeiras - e poucas - mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever [...]. (DUARTE, CARMO & LUZ, 2008, p. 28).

Este deslocamento da dependência para a emancipação pode ser percebido na literatura brasileira produzida por mulheres desde o século XIX, conforme destaca Duarte (2012, p.336-337): “Uma leitura dos textos de nossas primeiras escritoras revela, entre outros aspectos, a consciência da subalternidade e do estado de indigência cultural em que as mulheres viviam.”. A estudiosa lembra ainda que escritoras como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Francisca Júlia (1871-1920), Maria Sabina (1898-19910) Gilka Machado (1893-1980), dentre outras, tiveram o compromisso de denunciar a situação adversa vivida pelas mulheres, “questionando e propondo novos valores da sociedade moderna capitalista e burguesa [...]”.

Mulheres escritoras que lutaram, cada uma a seu modo, em favor da igualdade de oportunidades e de direitos entre homens e mulheres. Com participação ativa, escreveram narrativas, poemas, cartas, ensaios e chamaram a atenção para o protagonismo feminino, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa para todos, principalmente, os marginalizados durante séculos como as mulheres.

No âmbito das obras literárias, estudiosos como Gomes (2012) têm discutido sobre o deslocamento feminino na literatura contemporânea, focalizando a temática do “deslocamento das protagonistas do espaço da casa” em produções das principais escritoras brasileiras do século XX. De acordo com Gomes, a representação da mulher em trânsito, em permanente movimento interno ou externo, resulta do desconforto, da inquietação frente às amarras conservadoras e normas sociais sedimentadas na família patriarcal, isto por que:

Na literatura contemporânea, há diferentes formas de crítica ao patriarcado, como a representação da mulher transgressora no espaço da família. Esta forma de contestação está presente nos textos de Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Lya Luft, Marina Colasanti, Helena Parente Cunha, entre outras. Tais autoras privilegiam mulheres transgressoras que deixam de lado a identidade tradicional por não se identificarem com a imposição patriarcal. Essas personagens podem ser vistas como parte de uma estratégia feminista por não aceitarem a submissão aos papéis femininos. Nesse sentido, o significado da imagem da transgressora reforça a ideia do deslocamento da identidade de gênero como um movimento de resistência na tradição da autoria feminina. (GOMES, 2012, p.12).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Neste artigo, analisamos o deslocamento de uma protagonista presa à rotina da vida rural numa rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. Ao contrário das protagonistas da maioria dos romances contemporâneos brasileiros, as quais vivem nos grandes centros em meio a agitação da vida moderna, a personagem do conto de Maria Valéria vive em um mundo marcado por uma rígida hierarquia: o marido é o proprietário, o senhor da casa e dos arredores; a mulher é a “dona da casa”, “reina” sobre os filhos e os agregados. Apesar desta hierarquia, Perrot (2013, p.112) lembra ao tratar da vida da mulher campestre que:

essa vida rude tem seus ritos e seus prazeres cujo poder oculto é, com frequência, muito forte. Ele se exerce pelo olhar e pela palavra. Na Igreja, onde elas são as mais fervorosas. Nas feiras, onde gerenciam o comércio e o varejo [...] à noite, nos momentos de vigília, as mulheres mais velhas contam histórias e transmitem as lendas e os acontecimentos da vizinhança.

É este o mundo de Eulália, personagem do primeiro livro de contos de Maria Valéria Rezende, *Vasto Mundo*. Nesta obra a escritora retrata as condições de vida do povo de Farinhada- cidade fictícia do interior do Nordeste brasileiro. As narrativas abordam o cotidiano de sonhos, perdas, dores de pessoas simples, que para sobreviver recorrem muitas vezes à crença no transcendente, no inexplicável. Na maioria dos contos, senão, em todos, chama a atenção a forte presença das mulheres, cuja maioria aspira e luta por uma vida melhor no que diz respeito aos aspectos social, econômico e cultural.

Para discutirmos como a personagem se movimenta, porque se movimenta e as consequências desse deslocamento, recorreremos ao estudo de gênero concebido enquanto instrumento teórico que permite uma abordagem das relações sociais entre os indivíduos.

No âmbito dos estudos de gênero, é importante destacar que inicialmente, durante os anos de 1970, havia uma predominância no emprego da categoria “mulher” ou dos “estudos de mulheres”. Neste período, as questões sobre o feminino ainda estavam ligadas à psicologia e a uma perspectiva biológica.

No final da década de 1980 é que surgem os estudos de gênero, e ao longo da década seguinte se processa sua consolidação, mudando o foco de abordagem da biologia para o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contexto. O gênero passa a ser entendido como resultado de processos sociais e culturais. Os estudos passaram a mostrar que era por meio destes processos que os papéis sociais atuavam sobre o comportamento das pessoas, originando as diferenças sexuais entre elas.

As novas perspectivas para o estudo de gênero foram apresentadas pela historiadora estadunidense Joan Scott quando da escrita de seu célebre artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), publicado originalmente em 1986.

Neste trabalho utilizamos a concepção de gênero formulada por Joan Scott (2011), que o entende como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica dos sexos.

Na abordagem adotada, a categoria gênero é concebida numa dimensão relacional, entendendo e tratando “gênero” como o faz Guacira Lopes Louro (1992, p. 57):

[...] Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminilizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

A realidade atual mostra que as demandas das mulheres por trabalho, segurança, remuneração justa, educação, cultura continuam denunciando a desigualdade que ainda persiste entre homens e mulheres na nossa sociedade. Diante deste quadro, a literatura contemporânea, produzida por escritores como Maria Valéria Rezende, promove a reflexão sobre esta realidade de maneira estética e crítica.

2. O deslocamento de Eulália: da subserviência ao centro da cena como protagonista

O conto *No tempo em que Dona Eulália foi feliz*, selecionado para a análise, está dividido em três momentos que são cruciais para a evidência do processo de deslocamento vivenciado pela personagem durante a narrativa. Estamos trabalhando com o conceito de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“deslocamento” com base em Butle (2003). De acordo com a autora, é necessário realizar críticas às identidades, que instauram a naturalização e imobilizam os movimentos, para que o feminismo possa surgir fundado em pilares diferentes e se libertar da construção de uma única identidade, um modelo de mulher que exclua as demais.

Ainda segundo Butler, as identidades seriam “efeitos” das práticas discursivas, produtos das “ficções reguladoras”, mas que teriam suas construções fantasiosas deslocadas pela dissidência de um sujeito performativo, que reinventa seu modo de inscrever-se na sociedade subvertendo as próprias normas que o regulam.

No conto deparamo-nos com um feminino em trânsito, tanto na esfera espacial, como corporal, linguística e psicológica e, desse modo, poderíamos acrescentar, identitária. Ela passa da situação de total dependência, de silêncio de medo para a condição de uma pessoa ativa, capaz de tomar decisões e executar ações inovadoras. Vemos que o deslocamento gera na personagem mudança interior como exterior:

Dia após dia, Dona Eulália, desentristecia e vicejava. Joaquina, que trabalhava dentro da casa grande, medindo-se com ela a toda hora, garantiu que tinha crescido para mais de dois dedos que o patrão se fora embora e que ela tomara conta de tudo. (p.123).

No estudo *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall parte do pressuposto de que as identidades modernas estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas ou fragmentadas. Nos contos de Maria Valéria podemos notar a formação de um fio condutor que os atravessa como problemática: deslocamento (as personagens estão sempre mudando de um lugar para outro, tomado de diferentes perspectivas: da subserviência para a dominação; da dominação para a subserviência; do campo para a cidade; da cidade para o campo etc.) na busca pela construção da identidade, o que só é alcançado por meio do domínio da palavra (oral/escrita/na maioria das vezes literária).

O primeiro momento do conto caracteriza-se pela situação de submissão da personagem Eulália. Ela é silenciada pela figura do marido, responsável pela tomada de todas as decisões importantes na casa e pela condução da própria vida da mulher. A realidade vivida por Eulália é de submissão e medo constante de desagradar Assis Tenório – marido da personagem: “[...]”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dormia encolhida bem no canto da cama para não incomodar. A mulher, antes de abrir os olhos, pediu desculpas, sem saber por que, por via das dúvidas... “(p.115)”. O medo do marido é revelado de maneira reiterada no conto: “Dona Eulália com os olhos vermelhos de chorar, mais de medo do que de tristeza.” (p. 116).

Certa manhã, o marido é acometido de uma doença que ninguém consegue explicar as causas e viaja para se tratar na capital. Em decorrência da doença do marido, Eulália assume a responsabilidade em relação aos assuntos da fazenda, bem como da vida das pessoas de Farinhada. Ao contrário de outras narrativas onde a mulher toma a decisão de se deslocar, transgredindo os papéis naturalizados que determinam o seu lugar na sociedade patriarcal, neste conto, à semelhança das narrativas maravilhosas, dos causos populares, narrados inclusive pelas contadoras de história, um fato inexplicável acontece e desencadeia a mudança no comportamento e na identidade da protagonista: a inexplicável doença do marido.

Nos excertos destacados abaixo é possível perceber o início do deslocamento da personagem: de submissa a “Dona” (responsável por um espaço- a vila de Farinhada- para além do lar). É possível perceber também que, além do marido, Eulália tinha que obedecer Adroaldo, braço direito do seu marido, ressaltando a condição de sujeição da mulher ao masculino.

Aos primeiros pedidos que lhe fizeram, a mulher apavorou-se, empalideceu e encolheu-se ainda mais sem compreender por que se dirigiam a ela com coisas assim que demandavam um poder que nunca lhe pertencera.(p.120).

Ao fim do primeiro dia do seu reinado, a mulher do fazendeiro sentiu-se exausta e confusa porque seu coração tremia ao pensar no que acabara de fazer, sem que pudesse dividir se era ainda de medo ou já de alegria, coisa difícil de reconhecer para quem fora triste tanto tempo. (p.121).

Mas a mudança mais espantosa foi a que se deu em dona Eulália. Pela primeira vez, desde que se casara, longe das vistas do marido, estando ausente também Adroaldo, segunda pessoa dele, Eulália viu-se, de repente, dona de tudo, sem ninguém que lhe dissesse o que fazer ou que lhe proibisse qualquer coisa” (p.119).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com o poder em mãos, Eulália imprime um regime diferente de lidar com a população farinhadense. Ao contrário do jeito enérgico e cruel que Assis Tenório resolvia as coisas, Dona Eulália age de maneira criativa, humana e justa:

[...] atrás do comando, de providências, de permissões. Mandavam chamar Dona Eulália. (p.120)

Em poucos dias desabrochou na fazendeira uma coragem insuspeita de fazer o que lhe passasse pela cabeça e pelo coração, uma vontade de tudo resolver, ajeitar, melhorar um desparramo de imaginação que fazia brotar ideias e mais ideias de como dar a cada caso que lhe aparecia um final feliz. (p.122)

[...] a mulher do deputado fez tudo aquilo que ele não fez; não aperreou, não achacou, não castigou, não espoliou, não proibiu, não cobrou, não sujeitou, não humilhou, não ameaçou. (p.122)

A mudança de Eulália chamou a atenção de todos ao seu redor. A mulher obediente, calada, que aceitava tudo e não contestava nada, tinha se transformado em Eulália, a fazendeira, aquela que governava sua vida e ajudava o povo de Farinhada.

A religiosidade e o misticismo são características marcantes no conto. Com o marido doente, Eulália mantém uma rotina dividida entre ir à igreja pedir a cura para o marido e os afazeres na administração da fazenda e da vila de Farinhada: “[...] foi à capela, botou tudo nas mãos da senhora da guia e, sem hesitar, instalou-se na varanda para atender ao peditório” (p.121).

Ao longo da sua administração, Eulália vai se despindo dos medos e incorporando ao seu eu novas identidades. Assim, sem deixar de ser a mulher religiosa, humana e sensível ao sofrimento do povo simples de Farinhada, ela se mostra forte, decidida.

Segundo Stuart Hall (2000), o sujeito moderno não se encaixa mais na concepção de um ser unicamente composto de uma identidade fixa, ou seja, não é mais um sujeito unificado como se pensava anteriormente desde Descartes. Quando está em questão o sujeito contemporâneo, entende-se que se relaciona este sujeito com os processos de deslocamento da pós-modernidade. Este sujeito não seria mais composto de uma única identidade imutável,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

definitiva, como pensava o Iluminismo, pois agora, ele está em processo de fragmentação de sua identidade. De acordo com Stuart Hall (2014, p.11):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

O que acontece com o protagonista nesse conto é justamente a desconstrução desse sujeito unificado, o processo de fragmentação da identidade da personagem, que, a partir desse processo, passa a constituir-se de várias identidades. A fragmentação dessa identidade proporciona e dá condições para que a personagem se insira e consiga conciliar diferentes lugares: esposa, mãe, religiosa e administradora.

Depois de saber o diagnóstico do marido, segundo o qual se acredita que a doença é uma consequência das maldades feitas por ele, e que para a cura seria necessário que ele desfizesse todas as maldades, Eulália animou-se, pois dessa vez o marido poderia realmente se curar: “Animada por essa opinião e cheia de sua coragem nova em folha, Dona Eulália escreveu ao filho explicando o diagnóstico e pedindo-lhe que com jeito, tentasse convencer o pai.” (p.125).

Sabendo da possibilidade e do que ele tinha que fazer para se curar, Assis Tenório não hesitou em mandar Eulália fazer caridades. Percebe-se mais uma vez que o marido mesmo precisando da esposa continua determinando o que ela deve fazer. Pela primeira vez, Eulália se impõe diante do marido e diz a ele que já tem feito isto durante sua ausência, mostrando assim que ela era capaz de tomar decisões por conta própria:

Faça caridade, Lalá, faça muita caridade, faça todas as besteiras que você sempre quis fazer. [...] Eulália sincera, respondeu Pois é isso mesmo que tenho feito Assis, desde que você adoeceu para pedir a graça de sua cura Ele rosnou fez por sua conta, não valeu nada. Agora faça por minha conta, faça como se fosse eu. (p.126)

Eulália empenhou-se ainda mais em ajudar as pessoas de Farinhada, bem como fazer caridades, haja vista a necessidade do marido, que dependia desses feitos para que sua saúde



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fosse reestabelecida. Diante de tantos feitos e, conhecedores da maldade e da tirania de Assis Tenório, a população não acreditava que aquela realidade fosse durar: “Houve quem desconfiasse que aquilo não podia durar, Assis Tenório ali, sabendo de tudo e Dona Eulália continuando a fazer o que queria e, pior ainda, deixando o povo fazer[...]” (p.126).

Passado algum tempo, a saúde de Assis Tenório foi reestabelecida e todos acreditaram que se devia aos atos caridosos da esposa. Imediatamente ao voltar às suas atividades, ele mandou desfazer tudo que Eulália realizara, trazendo para a cena novamente seu jeito rude de agir com relação às pessoas. Eulália não podendo se conter diante do que estava vendo, argumentou, mas não adiantou de nada, pois o marido mais uma vez a silenciou e anulou o poder que até então ela vinha exercendo:

Adroaldo chame os homens, mande cortar as cercas e solte o gado nas roças de quem invadiu minhas terras, Dona Eulália quis argumentar Assis, pelo amor de Deus, pense... Cale a boca, Lalá, vá rezar, vá bordar que mulher não sabe de nada, aqui quem manda sou eu. (p.127).

Está instaurado o terceiro momento no conto. Eulália é mandada por Assis Tenório para o “lugar de mulher”, marcado pelo silêncio e pela submissão. Importante percebermos que para esta mulher e para todos da casa e da vila ficava visível que ela não era apenas a dona da casa, mas era capaz de agir para além dos muros da casa como mostrou performativamente ao protagonizar história e a história do povo de Farinhada. Sai de cena pela imposição autoritária e arbitrária representada pela figura do marido.

Considerações Finais

Os contos de *Vasto mundo* (2001) nos trazem mulheres que ao longo de suas histórias foram silenciadas pelas imposições da vida e pela figura do masculino, mas que com coragem, resolvem falar e agir, tornando-se autoras e protagonistas de suas próprias histórias, assumindo papéis importantes na comunidade onde vivem: fazendeiras, contadoras de história, escritoras, beatas... Valéria ilustra nas suas personagens a capacidade metamórfica



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que as mulheres têm ao exercer diferentes atividades, ainda que, em algumas narrativas, isto ocorra durante um curto espaço de tempo, caso de Dona Eulália.

Os descolamentos se tornam evidentes ao longo das narrativas, considerados, por nós, como resistência ao lugar fixo e aos dizeres autoritários do patriarcalismo, em busca do movimento criativo e participativo, fundamentais na atuação das personagens, responsáveis por mudar os rumos das histórias, buscando sempre a igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: Contexto 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina**. In: WERKEMA, Andrea Sirihal et al **Literatura Brasileira 1930, Belo Horizonte: UFMG, 2012**.

_____. **Na trilha literária das mulheres**. In: ----- (Org.). **Mulheres em Letras: antologia de escritoras mineiras**. Florianópolis: Mulheres, 2008.

_____. **O feminino no Brasil: histórias e conquistas**. In: DUARTE, Constância Lima, CARMO, Dinorah, LUZ, Jalmelice (Org.). **Mulheres de Minas: lutas e conquistas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2008.

GOMES, Carlos Magno S. **O deslocamento feminino no romance contemporâneo**. Revista Criação & Crítica, v.8, p.12-19, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

_____. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2013.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. São Paulo: Beca Produções, 2001.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: Contexto 2010.